

**TEATRO
NACIONAL
S. JOÃO**

MUSIC4L-MENTE

Notas ao programa

BERNARDO MARIANO*

Dvořák

O Trio chamado *Dumky* (ou *das dumkas*, ver abaixo) é uma obra de características bastante singulares na produção de Antonín Dvořák, por duas principais ordens de razão: a de se estruturar em 6 andamentos e a de nenhum deles obedecer a formas clássicas.

Escrito entre Novembro de 1890 e Fevereiro de 1891, situa-se na plena maturidade de Dvořák, numa época em que abundam as obras-primas: *Sinfonia n.º 8*, *Requiem*, *2.º Quinteto com piano*, *2.º Quarteto com piano...* No género, Dvořák havia escrito sete anos antes o *Trio em fá menor* (op. 65), obra-prima indiscutível – mas esse dentro dos cânones clássicos.

Ao longo da sua carreira, Dvořák já havia escrito 2 *dumkas* para piano e inscrito andamentos com essa designação dentro de obras de maior porte (no *Quinteto*, op. 81 – talvez a mais famosa –, no *Quarteto n.º 10*, no *Sexteto*, op. 48), além de assim ter designado três das suas *Danças Eslavas* (opp. 46 e 72) – aí, não obstante a *dumka* não ser uma dança.

Mas aqui ele concebeu uma obra ao jeito de uma suite, com uma simples sucessão de *dumkas*, sendo a variedade somente conferida pelo princípio do contraste (contraste de carácter, de modo, maior ou menor, de andamento/tempo). Sendo que o próprio compositor foi o agente desse princípio, enquanto traço marcante aplicado a este tipo musical. Na origem, a *duma* (a palavra, ucraniana, significa: *pensamento*, *meditação* ou *reflexão*, e *dumka* é o diminutivo) é uma forma-canção em *tempo* cómodo e de carácter meditativo e melancólico, procedente das narrações/declamações, épicas ou do tipo balada, tradicionais da Ucrânia. Mas com Dvořák é-lhe conferida uma natureza dúplice: uma secção sombria e introspectiva alterna livremente com uma outra, viva e rítmica. Na sua correspondência da altura, o próprio Dvořák referia-se à obra em gestação como sendo “alegre e triste em simultâneo” e contendo tanto “canções melancólicas como danças folgazãs”.

E talvez não seja deslocado vermos nesta obra algum reflexo da visita recente que Dvořák fizera à Rússia (para concertos com música sua em Moscovo e São Petersburgo) em Março de 1890 e o encontro aí renovado com Tchaikovski – o compositor russo estivera por duas vezes em Praga em 1888 e os dois ficaram amigos e trocaram partituras. E quem sabe se entre essas partituras não estaria o *Trio op. 50* (de 1882), trio elegíaco *par excellence*, do qual perpassam, aqui e ali, alguns ecos nesta obra?

O *Trio op. 90* estreou com grande sucesso em Praga, a 11 de Abril de 1891, num concerto celebrativo da atribuição do doutoramento *honoris causa* ao compositor pela Universidade de Praga. A Dvořák (ao piano), juntaram-se Ferdinand Lachner (violino) e Hanuš Wihan (violoncelo).

Oito meses depois, a obra integraria a extensa digressão que Dvořák empreendeu por terras boémias e moravas – tocou num total de 37 vilas e cidades ente meados de Janeiro e meados de Maio! –, como gesto de despedida à pátria antes de partir para Nova Iorque.

O Trio veria a estampa em 1894 pelo seu editor Fritz Simrock (de Berlim), tendo as provas sido revistas e corrigidas pelo seu amigo Johannes Brahms, devido à ausência e distância de Dvořák (então ainda nos EUA).

Beethoven

O Trio *Arquiduque*, último trio com piano de Beethoven, ocupou sempre um lugar especial no panteão das suas obras. De certo modo, é a mais antiga (e, como tal, a primeira) das obras testamentárias e visionárias que o compositor haveria de deixar ainda na sinfonia (a *Nona*), na sonata para piano (opp. 106 & 109-111), no quarteto de cordas (os últimos cinco mais a *Grande Fuga*), na variação (as *Diabelli*).

Por outro lado, ilustra de forma lídima a “maneira” mais “macia”, intimista e calidamente melódica que Beethoven adoptou por volta de 1810, e que teve fruto em obras como as *Sonatas opp. 81, 90 e 101*, a *Sonata para violino*, op. 96, ou o ciclo de canções *À Bem-Amada Distante* (op. 98). Por outro lado, na escrita para piano concertante, reflecte os territórios explorados nos Concertos n.º 4 e n.º 5, mas também prenuncia as Sonatas por vir (a op. 106 e a op. 109, antes de mais). Já certos procedimentos composicionais anunciam sonoridades que ouviremos na 7.ª *Sinfonia*, que Beethoven começou a escrever no mesmo ano (1811) em que terminou este Trio.

Esboçado em 1810 e composto no essencial em Março de 1811, o *Arquiduque* seria estreado três anos depois, a 11 de Abril de 1814,¹ no hotel Zum Römischen Kaiser, em Viena (onde Beethoven gostava muito de ir almoçar e onde o Quarteto de Ignaz Schuppanzigh costumava tocar), num concerto realizado à hora de almoço a que assistiu Ignaz Moscheles.² Com Beethoven ao piano,³ tocaram os seus amigos Ignaz Schuppanzigh (violino) e Joseph Linke (violoncelo), os dois elementos centrais do famoso Quarteto Schuppanzigh. Nesse exacto dia, mas em Fontainebleau (junto a Paris, já ocupada pelas forças da 6.ª Coligação), era assinado o Tratado que punha fim às Guerras Napoleónicas e selava a derrota da França e a abdição de Napoleão.

A edição ocorreria em Dezembro de 1816, em simultâneo em Viena e em Londres, como *Opus 97* e com a dedicatória ao arquiduque Rudolfo, a quem o ligava uma profunda, sincera amizade. Essa dedicatória acabou por cunhar a própria obra, que ficaria conhe-



Filipe Pinto-Ribeiro

É um dos grandes pianistas portugueses da atualidade e um dos que mais reconhecimento internacional conquistaram enquanto solista e músico de câmara. Diplomado e doutorado pelo Conservatório Tchaikovski de Moscovo, onde estudou com Lyudmila Roschina, encetou desde então uma carreira que o tem levado a apresentar-se nas mais conhecidas salas e com as principais orquestras portuguesas, e em alguns dos reputados palcos e séries de concertos da Europa e América do Norte. Momento importante no seu percurso foi a criação, em 2006, do DSCH – Schostakovich Ensemble (de que é diretor artístico), um agrupamento de geometria variável onde se tem reunido, ao longo dos últimos quase 20 anos, a muitos dos mais significativos músicos do nosso tempo para concertos um pouco por todo o mundo. Foi também a partir desse Ensemble que criou em 2015 o Festival e a Academia Verão Clássico, que se realiza anualmente em Lisboa, hoje um dos mais importantes festivais e academias musicais de verão do mundo. É também diretor artístico do Festival de Música dos Capuchos e do Bragança ClassicFest. Da sua discografia, destaque-se, a solo, o CD *Piano Seasons*, com obras de Tchaikovski, Carrapatoso e Piazzolla/Nisinman e, em música de câmara, a integral para piano e cordas de Schostakovich e um disco com Trios de Beethoven, todos editados pela Paraty/Harmonia Mundi. Recebeu da marca de pianos Steinway & Sons a distinção de “Artista Steinway”, em 2014.

cida como Trio *Arquiduque*. E assenta-lhe bem esse nome, pois trata-se de facto de uma obra magnífica e de “princesca” extracção.

Pensada em larga escala (40 a 45 minutos de duração), estrutura-se em 4 andamentos, os 3 primeiros pensados em amplidão, o 4.º mais conciso. O *Allegro* inicial é uma forma-sonata bitemática de grande clareza (com repetição obrigatória da exposição), embora os 2 temas principais não assentem sobre o princípio do contraste (como fora típico do Beethoven do chamado “período heróico”), mas sim sobre o da complementaridade e da continuidade anímica.

O 2.º andamento é um *Scherzo* em que a costumeira forma ABA (com B designado *Trio*) é amplificada a um ABABA, para mais provido de uma Coda (secção terminal). A secção B é ela própria constituída por duas secções que se alternam deste modo: ababab – sendo “a” um *fugato* (de escrita canónica) e “b” um lampejo de *valse brillante*. O lado valsante deste andamento é reforçado pela secção A, que se parece com uma “valsinha” de rua, tal como as ouviria Beethoven na Viena desse tempo.

O 3.º andamento (em ré maior), o mais extenso da obra, está na forma-variação. O tema, apresentado no piano, acórdico e com aquele carácter hínico e de sublime recolhimento tão típico de Beethoven, obedece à chamada “Barform” (AAB, mais epílogo, cada um com 2 compassos). Seguem-se 4 variações e uma vasta secção conclusiva, que é alternadamente chamada na literatura “5.ª Variação”, “Desenvolvimento terminal” ou “Coda amplificada”. Este andamento é a muitos títulos profético dos andamentos com variações das obras tardias (*op. 109.III* e *op. 111.II*; *op. 127.II* e *op. 131.IV*, *Variações Diabelli*).

O *Allegro* final (Si bemol maior, compasso 2/4) atesta da mestria formal de Beethoven, assente na concepção orgânica da mesma, ou seja: a natureza do material determina o curso da forma. Aqui, estamos perante uma forma binária (de novo: não contrastante) enunciada no seguinte esquema: ABAB’A’B”A”-Coda, sendo que A” é um *Presto* em lá maior e em compasso 6/8 e a Coda um *Più presto* curto, enérgico e peremptório.

- 1 Ou seja, exactamente 77 anos antes da estreia do Trio *Dumky!*
- 2 Então com 19 anos, e já um pianista *virtuose*, relatou o evento no seu diário.
- 3 Foi uma das últimas aparições públicas de Beethoven enquanto pianista, assim forçado devido à progressiva surdez de que sofria.

* Musicólogo.

Texto escrito com a grafia anterior ao novo acordo ortográfico.



Viviane Hagner

Natural de Munique, mas vivendo em Berlim desde pequena, é uma das mais relevantes violinistas da atualidade, impondo-se quer no repertório canónico (de Bach a Berg), quer no repertório moderno e contemporâneo. Neste último, avultam interpretações e/ou gravações de obras de compositores como Sofia Gubaidulina, Witold Lutoslawski, Krzysztof Penderecki, Unsuk Chin (cujo *Concerto para Violino*, galardoado com o Prémio Grawemeyer 2002, lhe é dedicado), Simon Holt ou Christian Jost. Tinha 13 anos quando, em 1990, alcançou notoriedade internacional enquanto solista num concerto em Telavive, que juntou as Filarmónicas de Berlim e de Israel, sob a direção de Zubin Mehta. Em 2004, o Prémio do Fundo Borletti-Buitoni para aperfeiçoamento artístico permitiu-lhe receber o apoio dessa fundação e os conselhos de Mitsuko Uchida ao longo de quatro anos. Apresenta-se frequentemente como solista com grandes orquestras, como a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Boston, a Sinfónica de Chicago, a Gewandhaus de Leipzig, a Filarmónica de Nova Iorque, trabalhando com maestros como Vladimir Ashkenazy, Daniel Barenboim, Christoph Eschenbach e Esa Pekka-Salonen. Dedicava também grande atenção ao repertório de câmara, por vezes ao lado da irmã pianista, Nicole. Fundadora e diretora artística do Krzyżowa Music (Silésia, Polónia), um festival que promove a comunhão de culturas e troca de ideias, num ambiente que junta músicos consagrados e estudantes ou jovens profissionais. Iniciou a sua atividade pedagógica em 2009, na Universidade das Artes de Berlim, transitando para a Escola Superior de Mannheim, onde é professora de violino desde 2013.



Christian Poltéra

Nasceu em Zurique. Aluno de Nancy Chumachenco e de Boris Pergamenschikow, estudou depois com Heinrich Schiff, em Salzburgo e Viena. Como solista, toca com grandes orquestras, incluindo a Filarmónica de Munique, a Gewandhaus de Leipzig, as Filarmónicas de Los Angeles e de Oslo, a Orquestra da Accademia Nazionale di Santa Cecilia, de Roma, a Orquestra de Paris, a Sinfónica da BBC, a Orquestra de Câmara da Europa, e sob a direção de maestros como Bernard Haitink, Riccardo Chailly, Christoph von Dohnányi, Andris Nelsons e John Eliot Gardiner. Dedicava-se também à música de câmara, ao lado de músicos como Gidon Kremer, Christian Tetzlaff, Leif Ove Andsnes, Mitsuko Uchida, Lars Vogt, Kathryn Stott, Esther Hoppe e Ronald Brautigam, e com os Quartetos Auryñ e Zehetmair. Com Frank Peter Zimmermann e Antoine Tamestit, fundou e integra um trio de cordas, o Trio Zimmermann, que se apresenta nas mais prestigiosas salas de concertos e festivais em toda a Europa. Em 2004, recebeu o Prémio Borletti-Buitoni e foi um dos Artistas da Nova Geração, um projeto da BBC Radio 3. É convidado regular de festivais de renome (como os de Salzburgo, Lucerna, Berlim, Edimburgo e Viena) e estreou-se nos BBC Proms em 2007. A sua discografia reflete um repertório variado, que inclui concertos de Antonín Dvořák, Henri Dutilleux, Witold Lutoslawski, William Walton, Paul Hindemith e Samuel Barber, bem como música de câmara de Prokofiev, Fauré, Beethoven e Schubert. É professor da Universidade de Lucerna. Toca no famoso violoncelo Stradivarius “Mara”, de 1711.

FICHA TÉCNICA TNSJ

PRODUÇÃO EXECUTIVA MÓNICA ROCHA | DIREÇÃO DE PALCO EMANUEL PINA | ADJUNTO DO DIRETOR DE PALCO FILIPE SILVA | DIREÇÃO DE CENA CÁTIA ESTEVES | LUZ FILIPE PINHEIRO (COORDENAÇÃO), ADÃO GONÇALVES, ALEXANDRE VIEIRA, JOSÉ RODRIGUES, NUNO GONÇALVES, MARCELO RIBEIRO | MAQUINARIA FILIPE SILVA (COORDENAÇÃO), ANTÓNIO QUARESMA, JOEL SANTOS, JORGE SILVA, LÍDIO PONTES, NUNO GUEDES, PAULO FERREIRA | SOM ANTÓNIO BICA

APOIO



AGRADECIMENTOS

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
MR. PIANO/PIANOS RUI MACEDO

EDIÇÃO

TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO
COORDENAÇÃO FÁTIMA CASTRO SILVA
FOTOGRAFIA RITA CARMO (FILIPE PINTO-RIBEIRO),
TIMM KÖLLN (VIVIANE HAGNER), NIKOLAJ
LUND (CHRISTIAN POLTÉRA)
DESIGN GRÁFICO SAL STUDIO
IMPRESSÃO GRECA ARTES GRÁFICAS, LDA

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o concerto. O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

PRÓXIMOS CONCERTOS

16 FEVEREIRO 2023

SCHUBERT & ADOLPHE

JUVENTUS ENSEMBLE – FILIPE PINTO-RIBEIRO (PIANO), AMIA JANICKI (VIOLINO), TOMÁS SOARES (VIOLINO), SOFIA SILVA SOUSA (VIOLA), PEDRO GOMES SILVA (VIOLONCELO), TIAGO PINTO-RIBEIRO (CONTRABAIXO)

OBRAS DE

FRANZ SCHUBERT – QUINTETO D 667, A TRUTA

BRUCE ADOLPHE – SEXTETO DREAMING AND THINKING (ESTREIA MUNDIAL)

PRELÚDIO CIENTÍFICO

NEUROCIÊNCIAS E MÚSICA

BRUCE ADOLPHE

27 ABRIL 2023

MOZART & SCHOSTAKOVICH

FILIPE PINTO-RIBEIRO (PIANO), ESTHER HOPPE (VIOLINO), CHRISTIAN POLTÉRA (VIOLONCELO)

OBRAS DE

WOLFGANG AMADEUS MOZART – TRIO KV 548

JOAQUÍN TURINA – TRIO CÍRCULO, OP. 91

DMITRI SCHOSTAKOVICH – TRIO N.º 2, OP. 67

PRELÚDIO CIENTÍFICO

ASTROFÍSICA E MÚSICA

VÍTOR CARDOSO

29 JUNHO 2023

SCHUMANN & BRUCH

FILIPE PINTO-RIBEIRO (PIANO), LARS ANDERS TOMTER (VIOLA), PASCAL MORAGUÈS (CLARINETE)

OBRAS DE

ROBERT SCHUMANN – CONTOS DE FADAS, OP. 132

FRANCIS POULENC – SONATA, FP 184

BENJAMIN BRITTEN – LACHRYMAE, OP. 48A

MAX BRUCH – PEÇAS OP. 83

PRELÚDIO CIENTÍFICO

MATEMÁTICA E MÚSICA

JORGE BUESCU



Prelúdio científico

A música, a ciência e a mulher

Kaija Saariaho (n. 1952) e Carolyn Bertozzi (n. 1966): separadas na profissão, une-as o género e o reconhecimento alcançado em domínios onde tradicionalmente impera o sexo masculino. A primeira, compositora, detém alguns dos mais importantes prémios da música; a segunda, cientista, acaba de ser galardoada com o Nobel da Química. Neste concerto, em que se executam dois trios compostos por homens, o preâmbulo é a pensar nas mulheres.

JOÃO PAULO ANDRÉ

Licenciado em Química pela Universidade de Coimbra e doutorado pela Universidade de Basileia, é Professor Auxiliar do Departamento de Química da Universidade do Minho. A divulgação da ciência, centrada nas suas relações com a música, a arte e a literatura, tem sido uma importante vertente da sua atividade académica. Tem colaborado como comentador de ópera na Antena 2. O seu primeiro livro, *Poções e Paixões – Química e Ópera*, publicado pela Gradiva (2.ª edição, 2019) e igualmente editado em braille e em formato áudio para invisuais pela Biblioteca Nacional de Portugal, integra o Plano Nacional de Leitura. *Irmãs de Prometeu – A Química no Feminino* (Gradiva), o seu livro mais recente, envereda pela história da ciência, colocando em evidência as mulheres que marcaram a Química.

MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA VITÓRIA
21 DEZEMBRO 2022
QUA 19:00

MUSIC4-MENTE

CICLO DE CONCERTOS COM PRELÚDIOS CIENTÍFICOS

BEETHOVEN & DVOŘÁK

FILIPE PINTO-RIBEIRO (PIANO)
VIVIANE HAGNER (VIOLINO)
CHRISTIAN POLTÉRA (VIOLONCELO)

PROGRAMA

ANTONÍN DVOŘÁK (1841-1904)
TRIO OP. 90, *DUMKY*
I. LENTO MAESTOSO – ALLEGRO
QUASI DOPPIO MOVIMENTO
II. POCO ADAGIO – VIVACE NON
TROPPO – VIVACE
III. ANDANTE – VIVACE NON
TROPPO – ALLEGRETTO
IV. ANDANTE MODERATO –
ALLEGRETTO SCHERZANDO –
QUASI TEMPO DI MARCIA
V. ALLEGRO
VI. LENTO MAESTOSO

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770-1827)
TRIO OP. 97, *ARQUIDUQUE*
I. ALLEGRO MODERATO
II. SCHERZO – ALLEGRO
III. ANDANTE CANTABILE
IV. ALLEGRO MODERATO

PRELÚDIO CIENTÍFICO
A MÚSICA, A CIÊNCIA E A MULHER
JOÃO PAULO ANDRÉ

CURADORIA
FILIPE PINTO-RIBEIRO

COORGANIZAÇÃO
DSCH – SCHOSTAKOVICH ENSEMBLE
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E ENSINO SUPERIOR
TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

DUR. APROX.
1:45
M/6 ANOS

O TNSJ É MEMBRO



MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

